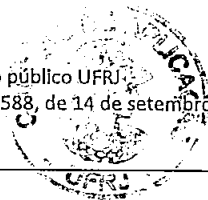


① Segundo Mônica Lima, no prefácio do livro "Ensino de História e Culturas Afro-brasileiras e Indígenas", as histórias acadêmicas e escolares viveram séculos de distanciamento intelectual com relação ao estudo das histórias e culturas das diversas regiões da África, povos e etnias africanas, bem como da dos afrodescendentes. Somente em 2003, com a aprovação da Lei 10.639 foi determinado a obrigatoriedade destes temas na educação básica brasileira. Para tratar brevemente do processo histórico e das disputas curriculares em torno desta norma jurídica, começamos, portanto, abordando concisamente as histórias das visões acadêmicas e escolares sobre os africanos e seus descendentes.

Em 1837 eram fundados o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) e o Colégio Dom Pedro II. A história apresentada e pesquisada em ambos os espaços tinham como objetivo disseminar uma determinada identidade nacional no topo da pirâmide social. Nesta compreensão de Vargas, o Estado Imperial era apresentado como continuador de um processo civilizador iniciado pela Coroa Portuguesa, pelos jesuítas e bandeirantes. Os africanos e seus descendentes eram vistos como entrave a este processo civilizador. Os indígenas como incivilizados. Os africanos estavam, inclusive excluídos da nação.

No início do período republicano, Paulo Freyre passava a encarnar a contribuição dos africanos para a cultura brasileira. Mas, ao mesmo tempo, criava a tese da democracia racial, encarando o cativo como ameno. Se comparado com outros locais do S. Contrapondo-se a esta concepção, os teóricos de dependência na década de 1960 passaram a se preocupar em demonstrar a violência do cativo brasileiro e a se contrapor a ideia de que teria sido ameno. Mas acabaram deslizando para o extremo



O posto, negando a capacidade dos cativos e demais afrodescendentes e africanos assim como os indígenas de Agirem como sujeitos de suas histórias. Eles passaram a serem vistos como vítimas passivas e alienados.

Somente na década de 1980, historiadores inspirados nos estudos de EDWARD PALMER THOMPSON passaram a demonstrar a capacidade destes grupos de Agirem como agentes de suas histórias. Esses historiadores passaram a estudar as diversas culturas africanas como forma de compreender a bagagem culturais trazidas pelas vítimas africanas e seus escravizados no Brasil e, assim, entender como esses grupos pensavam sua realidade. Passaram a estudar as diversas formas dos africanos e afrodescendentes de viverem no Brasil e de se socializarem.

A História Acadêmica, entretanto, é apenas um dos saberes que compõe a História escolar. A História escolar é plural, pois lida com a reconstrução da narrativa histórica em sala de aula, mas se nos atermos ao gênero perceberemos uma história similar de distanciamento com relação às histórias e às culturas africanas e afro-brasileiras. No Dom Pedro II predominava o estudo da biografia de Heróis nacionais predominantemente brancos. Esta situação não mudou muito até pelo menos 1940, quando as abordagens marxistas e desenvolvimentos a dentro da sala de aula, mas logo veio o golpe em 1964, trazendo de volta uma vertente biográfica de indivíduos predominantemente brancos. Mesmo diante do contexto estabelecido entretanto professores reconstruíam, no currículo muitas abordagens diferenciadas, mas mesmo nessa resistência, a leitura da história subjetiva e a imagem dos africanos só como escravos predominava. Somente com



A REABERTURA APARECEM NOVAS ABERTURAS SOBRE A CULTURA E OS POUCOS AFRICANOS.

A REABERTURA POLÍTICA, NA DÉCADA DE 1980, CONVIDOU TAMBÉM COM O CRESCIMENTO DA PRESSÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS. NESTA CONJUNTURA, O MOVIMENTO NEGRO SE FORTALECE EXIGINDO, DENTRO OUTRAS DEMANDAS, UM CURRÍCULO CAPAZ DE REPRESENTAR A DIVERSIDADE DOS POUCOS ÉTNICOS E CULTURAS CONSTITUINTES DO Povo e DA CULTURA BRASILEIRA. NÃO PODEA MAIS EXISTIR UM Povo AFRICANO NO SINGULAR, TAMPOCO ESTES PODERIAM SER RESUMIDOS A ESCRAVOS, TRABALHAR SUAS CULTURAS E HISTÓRIAS PASSAM A SER MEIO DE COMBATER O PRECONCEITO, TRABALHAR A AUTOESTIMA DOS ALUNOS COM A LIGAZÃO A SUAS IDENTIDADES. NÃO ACEITAVAM MAIS UM CURRÍCULO COM TEMAS UNICAMENTE DA CULTURA EUROPEIA e, POR ISSO DOTADO DE UMA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA CONTRA AFROSDESCENDENTES. DEFENDEM A NECESSIDADE DE DEMONSTRAR A DIVERSIDADE DE CULTURAS, ÉTNICAS e EXPERIÊNCIAS QUE EXISTEM POR TRÁS DA CATEGORIA DE AFRICANOS e AFROSDESCENDENTES. FOI EXATAMENTE A PRESSÃO DO MOVIMENTO NEGRO QUE O PRESIDENTE LULA SANCTIONOU OS DISPOSITIVOS LEGAIS TORVANDO OBRIGATÓRIO O ESTUDO DAS CULTURAS e HISTÓRIAS AFROBRASILEIRAS.

MAS O PROCESSO HISTÓRICO É MARCADO POR CONFLITOS. EXISTEM OPOSITORES. ALGUNS DELES SE ARTICULAM RECENTEMENTE em TORNO DO PL 867/2015, CONHECIDO COMO "ESCOLA SEM PARTIDO". DEFENDEM UM SABER NEUTRO e QUE NÃO CONTINUE A VISÃO DOS RESPONSÁVEIS. PORÉM COMO INFORMAR CINTHIA MONTENEGRO ANTUNO, A DIVERSIDADE ESTÁ "BOMBANDO" NAS ESCOLAS. ASSIM, É IMPOSSÍVEL MANTER UMA HISTÓRIA SEM CONTINUAR UM OU OUTRO RESPONSÁVEL. REACT DEMONSTRAM COMO O PL É BOM



② TRATA-SE AQUI DE ANALISAR A IMPLEMENTAÇÃO DA OBRIGATORIEDADE DO ENSINO DAS HISTÓRIAS E CULTURAS DOS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL NO ÂMBITO DA FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DAS PROFESSORES DE HISTÓRIA.

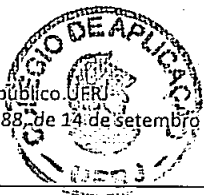
É IMPOSSÍVEL TRATAR SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DESTA REGRA NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DESTA DISCIPLINA SEM LEMBRAR O OSTACISMO QUE A HISTÓRIA DOS INDÍGENAS VIVEU EM NOSSA HISTORIOGRAFIA E NA HISTÓRIA ENSINADA NOS ESPAÇOS ACADÊMICOS. Segundo CIRCE BITTENCOURT em seu artigo intitulado "HISTÓRIA DAS POPULAÇÕES INDÍGENAS NA ESCOLA: MEMÓRIAS E ESQUECIMENTO", OS INDÍGENAS FORAM LEGADOS AO ESQUECIMENTO AO LONGO DA HISTÓRIA DA HISTÓRIA ACADÊMICA. ELA DENUNCIA QUE NA HISTORIOGRAFIA SEMPRE PREDOMINOU UM IMAGINÁRIO ÉTNICO RACIAL QUE PRIVILEGIAVA A BRANQUEZINHA E VALORIZAVA AS RAÍZES EUROPEIAS DE NOSSAS CULTURAS. NÃO POR ACASO QUANDO MUITAS FAMÍLIAS CONTAM SUAS MEMÓRIAS PREDOMINAM AS CENÁRIOS DE ORIGENS EUROPEIAS. QUANDO OS AFRICANOS OU INDÍGENAS SÃO MENCIONADOS, ESTES SÃO PERSIDOS DE FORMA HOMOGÊNEA. DE ACORDO COM CIRCE BITTENCOURT, PREDOMINAM CONCEITOS ACERCA DA IDENTIDADE INDÍGENA ONDE SUAS REALIDADES ALTERNAS APARECEM CONFUNDIDAS NO TEMPO. COINCIDENTEMENTE, SÃO EXATAMENTE ESSAS IDENTIDADES ESTEREOTIPADAS QUE SÃO ACIONADAS EM CONFLITOS DE TERMO PARA REPRER OS DIREITOS DOS POVOS ORIGINÁRIOS. SEUS RIVAIS COSTUMAMAMENTE, CONTRAPÕE AS IDENTIDADES REAIS COM AS IMAGINADAS PARA NEGÁ-LAS AOS INDÍGENAS DO PRESENTE E, ASSIM, POR EXTENSÃO, EM NEGAR SEUS DIREITOS À TERRA.

O OSTACISMO DA HISTÓRIA DOS POVOS INDÍGENAS



Remoção do mito fundador da nação foi feito pelo IPEB, onde os indígenas eram vistos como grupos a serem civilizados pelos homens brancos de origem europeia. Mesmo na abordagem da língua e culturas indígenas realizadas pós 1970, predominaram olhar etnocêntricos, concebendo-os como inferiores. Na década de 1960, os letrados da dependência trabalhavam dos nativos somente na condição de aculturados e vítimas passivas da colonização. Somente a década de 1980 para cá os historiadores começaram a se importar com o estudo do indígena que os consideram como sujeitos de suas histórias. Ainda assim estes são predominantemente apresentados como grupo monolítico. Em comparação com a Antropologia, os historiadores estão muito aquém no conhecimento sobre estes povos.

Se a formação inicial dos professores na História indígena é precária, a formação continuada é praticamente inexistente. As escolas municipais do Rio de Janeiro não possuem atividades regulares neste sentido. Nos governos em que ocorrem costumam se reduzir a cursos rápidos de uma semana em que a questão indígena praticamente não é colocada. São poucos os espaços coletivos nas escolas para troca entre os docentes. Muitos deles, trabalhando em diversas instituições, os profissionais da mesma disciplina pouco se encontram. Assim, a formação continuada se resume à cursos oficiais e pós-graduações que os docentes buscam individualmente, ou por estudos privados destes quando possuem tempo e não estão sobrecarregados pelo tempo de trabalho.



Neste sentido, falta muito para implementarmos a obrigatoriedade do ensino da História e das culturas indígenas. Movimentos sociais educadores e pesquisadores tem se mobilizado para produzir materiais didáticos e criar espaços de discussão para mudar esta realidade. Entretanto, uma formação enciclopédica nas graduações, somada à falta de tempo dos profissionais da educação tem sido as principais a esta transformação. A realidade é que falta muito para construirmos uma educação baseada nos princípios democráticos defendido por Boaventura de Souza Santos: "As pessoas e os grupos sociais têm o direito a ser iguais quando a diferença os inferioriza, e o direito a ser diferentes quando a igualdade os descaracteriza". Falta muito, em outras palavras para criarmos uma escola que dê conta de lidar com a tensão entre liberdade e igualdade e diversidade. Para isso, uma formação integral e continuada sobre as culturas e histórias, no plural, dos diferentes povos indígenas seria crucial. É necessário trabalhar pela descolonização de nossos currículos prescritos, práticos e ocultos.



③ OBJETIVO: APRESENTAR A HISTORICIDADE DA IDENTIDADE INDÍGENA DEMONSTRANDO AOS ALUNOS OS RISCOS DE ADOPTAR UM CONCEITO ESTEREOTIPADO E ESTÁTICO SOBRE OS INDÍGENAS.

Fontes a serem utilizadas:

1) TRANSCRIÇÃO DOS ARGUMENTOS DOS INDÍGENAS ALIADOS NO EXTINTO ALDEAMENTO DO RIACHO DO MATO em Pernambuco, bem como da parte da argumentação do chefe de quarteirão que disputava terras com eles no século XIX, também serão utilizados trechos do parecer sobre esta disputa apresentado pelo escritor MACHADO de ASSIS quando ele atuou como chefe da 2ª seção do Ministério de Agricultura Comércio e Obras Públicas,

2) transcrições de trechos dos processos de conflitos de terras entre os CARÍANAS de Parati e os Gribeiros, sobre tudo aquelas em que os povos originários afirmam sua identidade e as que os Gribeiros negam.

Desenvolvimento da Aula:

Inicialmente, o professor fará uma pergunta para a turma: "O que é um Índio?" Em cima das respostas dos alunos, o professor trabalhará a questão da diversidade de povos indígenas e sobre a dificuldade de enquadrá-los em uma mesma moldura.



Depois, o professor questionará: Os nativos deveriam ter direito à terra? Em cima do que foi anunciado, o professor revisará o tema da colonização e da invasão das terras indígenas.

Em seguida, o professor apresentará um mapa atual do IBGE sobre as áreas ocupadas pelos nativos e perguntará: Por que eles estão mais concentrados no interior? Com base nas respostas obtidas, o docente apresentará o caráter mercantil da colonização no litoral.

Feito isto, o professor apresentará as fontes do século XIX. Separará os alunos em grupo. Eles deverão produzir uma sentença. Depois de ler a primeira sentença, em uma segunda aula, o professor comentará as respostas e o caso avaliado, anunciando que historicamente, em casos de disputas de terra, as conflitantes negavam as identidades indígenas para negar seus direitos à terra.

Então o professor apresentará o segundo caso, envolvendo as terras dos Caricás. Tendo em vista a resposta da primeira sentença e os comentários do professor, os alunos farão nova sentença, após um debate entre eles. Com base nas duas atividades, o professor poderá avaliar o desenvolvimento dos alunos, os sucessos e insucessos de sua abordagem e, assim, poderá reavaliar a organização da aula e a exposição do conteúdo. Se preciso, ele poderá retomar o tema através de um diálogo.





Quando tempo o professor poderá revisar a diversidade de povos que existem através em cobertos pelo conceito de índios. Talvez, ele possa trabalhar com os descendentes a música criada pelo projeto "demarcação JA", problematizando esta questão. Em uma atividade extra-curricular pode fazer um vídeo debate com os alunos sobre o filme "A sombra do delírio verde" onde a questão indígena é, tem fundamental para compreensão. Este documentário trata sobre questões submersas por trás do discurso ecológico sobre a produção do combustível de etanol. Dentre essas, questões está a constante invasão de terras indígenas a escravidão, com temporária destes povos e as disputas acerca da demarcação das fronteiras agrárias.